

Cirurgia em criança vira tema de peça cheia de música e alegria

Monólogo de Stella Tobar, 'Sinta o Cheiro do Mar', acerta o tom ao mostrar o ponto de vista de uma menina na hora de enfrentar com coragem uma operação de adenoide



Fotos Gui Assano e João Maria/DIVULGAÇÃO

Dib Carneiro Neto
16 de abril de 2024

Às vezes, o cotidiano das crianças é subitamente invadido por intempéries ligadas à sua saúde. A rotina é interrompida e o hospital (não mais só o lar e a escola) entra na cenografia da vida de uma criança. Muito branco, muita assepsia, soros e seringas, medos e apreensões estampados nos rostos dos adultos... Por que não levar essa situação para um palco e transformar em teatro? Mais ainda: em teatro para criança ver. Peça infantil precisa somente se passar em castelos, florestas, jardins, picadeiros e quintais?

Sinta o Cheiro do Mar, em cartaz por mais dois fins de semana no Sesc Ipiranga, é uma peça com uma menina no hospital. Isso vai sendo desvendado aos poucos pelo público. Texto e encenação não entregam de cara quem é ela, nem que lugar é aquele, nem o que ela foi fazer ali. Demora para o enredo completo ser revelado. E isso é inteligente. Funciona bem, muito bem. Um belo achado da dramaturgia, que, inicialmente, nos enreda com brincadeiras, poesia e boa música. Primeiro nos conquista, só depois fecha seu arco dramático. Não há ansiedade em entregar o plot, por assim dizer. Com calma, a trama se instala, mais do que se revela.

Foi assim que eu “captei” a peça. Foi assim que ela funcionou para mim. Uma história que vai crescendo aos poucos, tijolo por tijolo – e foi assim que me surpreendi muito positivamente. É normal que você chegue ao teatro tendo lido antes ao menos uma sinopse do que vai ver. Mas nada do que vem escrito na sinopse de *Sinta o Cheiro do Mar* é entregue assim de pronto, rapidamente. Você fica pensando intrigado, esperando, deixando que um ritmo insuspeitado o leve, o transporte até onde for. Sem pressa.



Catavento e peixe

Enquanto o público vai entrando na sala e se acomodando, um telão já exibe um enorme catavento colorido girando sem parar. Um espécie de hipnose lúdica, à guisa de prólogo. Interessante. Depois, dois músicos chegam e se acomodam e uma atriz diz bom dia. Ela prepara vagarosamente um aquário, com peixe (que parece) de verdade, enquanto os músicos dedilham temas marítimos, como *Peixinhos do Mar* e *Peixe Vivo*. É nada mais do que o espetáculo se apresentando, tomando volume, corpo e forma, sem ansiedade nenhuma.

E vem a primeira canção, sábia canção de “apresentar”, típico início de musical. Como a música ao vivo faz a diferença no teatro! Que beleza a produção ter feito essa escolha. Surpresa: a atriz também canta ao vivo. Que maravilhoso isso! Que corajosa ela! É assim que o teatro deve ser. Feito com coragem. Não é uma cantora potente, plena de recursos vocais, mas e daí? É uma atriz, que defende as canções com sinceridade e emoção – e não é justamente assim que se ganha a confiança das crianças? “Eu sou/estou no universo” é um dos versos dessa canção inicial. “Quem é artista faz e acredita” diz outro verso. Pronto, fica posta a mesa, abre-se o leque da temática, decifra-se a carta de intenções.



Trama autobiográfica

Dramaturgia, direção e atuação são de Stella Tobar, da Borbolina Cia. Ela quis (e conseguiu) fazer no palco o papel da própria filha, que teve de operar de adenoide (tirar pele do nariz para respirar melhor, explicando leigamente). O que ela quis mesmo foi fazer uma peça sobre a coragem. Prepara o campo, desfia canções, nos abraça com prosa poética, brinca de ser criança – até chegar ao ponto desejado: uma cirurgia exige coragem, porque existir é sempre assim, coragem atrás de coragem, num ritmo sem fim. Ela própria se armou de coragem: contar algo autobiográfico no palco, expor a história da filha, fazer monólogo, cantar e dançar, interagir com telão, manipular bonecos e objetos. Tudo isso exigiu coragem – e talvez por isso o tema coragem tenha se impregnado com tanta verdade pela peça toda.

Stella Tobar, com ótimos trejeitos de menina sapeca, felizmente sem exagerar, dá conta do que se propõe. E se cercou de gente boa. Sérvulo Augusto e Gui de

Mattos, por exemplo, não são apenas músicos num canto do palco. Os dois estão verdadeiramente na peça. Entregues, interessados, ativos. Inclusive com figurinos de hospital e participando de cenas com falas. Sérvulo é frequente na companhia Borbolina. Sua direção musical foi mais uma vez certa e criativa. Compôs as canções, junto com Stella. São muitas. Todas agradáveis. A melhor, para mim, é a que brinca com rimas de palavras. Cirurgia, anestesia, fantasia. Ou magia, boa companhia, alegria. Ou adenoide, polaroide, androide, esteroide. Delicioso ouvir tudo isso num ritmo empolgante. E a trilha atrevida ainda tem lugar para *Why Worry*, de Dire Straits, que só os adultos conhecem. E Stella brincando, ao final, de quebrar a quarta parede: “Ai, acho tão chique cantar em inglês...”



Telão com folhas de caderno

E se era para ter animação em telão, então ela foi atrás de uma jovem craque, Lauren Kurotsu, que entendeu a proposta de interação e fez tudo funcionar a contento. Achei atencioso com as crianças fazer uma tela em forma de caderno espiralado. O momento em que o gato (criação expressiva de Zé Valdir) pula do telão para o colo da atriz é perfeito. E a menina brincando de adivinhar quais animais estão aparecendo nos formatos das nuvens também é um ponto alto da interação com as imagens do telão. Além de ser uma cena enternecedora, muito gostosa de ver.

Paula de Paoli assina cenografia e figurinos. Seu cenário também entrou no clima de não ser explícito. É um quarto de hospital, mas não se desvenda facilmente. Não é óbvio, é brincalhão. E os figurinos impressionam bastante pelo teor máximo de criatividade. O casado-vestido dupla face da menina é inesquecível. Uma

criação antológica. E o pijaminha que se revela por baixo do casacão é puro encanto de criança. Como é importante que todos esses detalhes sejam bem cuidados em uma produção. Criança é público exigente. *Sinta o Cheiro do Mar* cumpriu à risca, com muito bom gosto, todos os quesitos. O desenho de luz de Giuliano Caratori também cumpre seu papel narrativo, mas escorrega em uma única cena, a da canção sobre o mar (“As ondas vão e vêm como nossos sentimentos”). Nessa hora, um pecado grosseiro: a luz interfere demais e não se enxerga direito as imagens no telão, alusivas ao mar.



O comportamento dos adultos

E chega o momento. “Como vocês já devem ter adivinhado, estou em um hospital”, diz a menina. A hora da coragem. Blecaute, sonho, alusão a delírio, vontade de fugir – tudo é feito com muita delicadeza e poéticas referências ao poder da imaginação. Gosto demais quando a menina descreve o jeito que ela vê a mãe: por fora disfarçadamente calma e feliz, por dentro morrendo de apreensão pela filha. É uma cena brincalhona e muito inteligente, que Stella faz muito bem e que causa empatia direta nos adultos que já passaram por isso com sua prole. Só questiono um detalhe: a cena da menina imitando a mãe acaba servindo de mote para ela falar em ser atriz, em interpretar papéis, e aí entra uma canção falando das máscaras do teatro. A meu ver, a peça já tem canções e assuntos suficientes. Essa canção do teatro fica sobrando. Dá impressão de assunto esticado. A menina imitando a mãe já bastava. A música poderia ser cortada sem que fizesse diferença no enredo. Poderia ser guardada para uma próxima peça da Borbolina Cia, que falasse mais diretamente de teatro. Aqui, o tema é outro. Mas é só um

palpite baseado na percepção que eu tive de um momento de 'gordura' desnecessária na peça.

E, claro, para marcar com força o tema da coragem, uma das cenas da reta final do espetáculo é muito linda e tocante. Eficiente e emocionante. A menina (ou seria já a atriz se despedindo do público num jogo brechtiano bem instigante?) ensina um jeito para expulsar o medo da cirurgia (ou de qualquer outra coisa na vida). Force no rosto um sorriso, por 30 segundos – e veja como ele vira sorriso de verdade, e como você vai ficar alegre mesmo, e como isso vai trazer esperança e coragem. Lindo, né?

Em um espetáculo tão rico em detalhes, cuidados e sensibilidades, como é *Sinta o Cheiro do Mar*, não poderia faltar um final bem pensado, com um efeito dramaturgicamente cativante, um jeito de juntar a ficção com o lance autobiográfico da autora. Não vou contar aqui, claro. Mas, quando você for, espere pela cena final que vai aparecer no telão. Ela nos inunda de alegria e esperança. E de fé na vida – a vida que se abre desimpedida e desentupida, como um nariz agora pronto para sentir o cheiro do mar.



Sinta o cheiro do mar, da Borbolina Cia.

Temporada: 24 de março a 28 de abril de 2024, somente aos domingos, às 11h

Sesc Ipiranga - Teatro – Rua Bom Pastor, 822, Ipiranga, São Paulo.

Ingressos: Grátis para crianças até 12 anos. R\$ 30,00 (inteira), R\$ 15,00 (meia-entrada) e R\$10,00 (credencial plena)

Vendas online em sescsp.org.br

Duração: 60 minutos

Classificação indicativa: Livre

Capacidade: 200 lugares

Acessibilidade: teatro acessível a cadeirantes e pessoas com mobilidade reduzida

sábado, 3 de dezembro de 2016

O MENINO E A CEREJEIRA

Quando o melhor adubo é o tempo e a resiliência

Por Vinícius Vieira

Professor e jornalista

Um pássaro de origami, manipulado por um ator, pousa suavemente na mão do menino Taiti, sentado em frente a uma cerejeira. Após breve estadia, a ave alça voo pelos céus da cena arrancando um doce sorriso do garoto em momento sublime. Em outro instante, a mesma cerejeira é banhada em flocos suaves de neve que caem, delicadamente, das mãos de outro ator, regando os galhos e formando um manto branco e gélido sobre a planta. A lua e o sol, representados por sombrinhas, cruzam a cena revelando a passagem da noite para o dia. É assim, com muita poesia, que a escritura cênica de “O menino e a cerejeira” estabelece uma relação amistosa com o tempo, enlace diferente ao que a cultura ocidental está acostumada a viver.

A peça foi apresentada no sábado (26), no Teatro Barreto Júnior, compondo a grade de espetáculos do 18º Festival Recife do Teatro Nacional. O marco zero da encenação é o livro homônimo do escritor Daisaku Ikeda. A propósito, é a primeira vez que a obra é adaptada e levada aos palcos.

No referido evento, Stella Tobar tem se mostrado como uma exímia diretora, preocupada em levar ao público infantil temáticas caras à existência humana. No mesmo teatro, Tobar também encenou “Dois idiotas sentados cada qual no seu barril”, na noite anterior - outro trabalho erigido a partir de adaptação da literatura para o universo teatral. A artista tem se posicionado no lugar para além das montagens de contos de fadas ou duplos, no teatro, de personagens que povoam o cinema e a TV.

O protagonista da peça, Taiti, mora em um povoado com sua mãe em uma vida nada fácil após a morte do pai em período de guerra. Sua genitora precisa trabalhar e, para isso, deixa-o sozinho em casa. O menino passa o dia só, sem a supervisão de um adulto. Ele tem momentos de melancolia e sofre com a ausência paterna. Não fosse a presença de um amigo que o estimula a sair de casa para brincar, os dias poderiam ser ainda mais penosos.

A história é desenrolada entre as estruturas épica e dramática. Os atores, ora narram as vivências da personagem, tecendo comentários, ora vivem na pele dos seres ficcionais em um divertido jogo de antecipar acontecimentos e realizar as situações. Por vezes, as próprias personagens verbalizam sobre si mesmas e quebram a quarta parede estabelecendo contato próximo ao público. Aliás, nesses momentos, Taiti consegue nos arrebatá-lo com sua simpatia e também com seus conflitos existenciais puramente humanos acerca da solidão, a saudade, o medo, a morte.

CRITICA, CONT

A encenação é inteligente e goza de escolhas assertivas para estabelecer trocas de lugares e alterações de tempo: Taiti “corre” parado no centro do palco, enquanto biombos movidos pelos atores transformam o cenário ao fundo com poucos, mas sugestivos, elementos de cena; Caminhadas circulares também são usadas em uma repetição de ações entre o garoto e sua mãe para designar a passagem dos dias em marcações ágeis, as quais contrastam com a dilatação do tempo em momentos pontuais da peça. Uns aos outros, no elenco, se ajudam na composição de personagens ativadas a partir de um adereço utilizado, pequena mudança na indumentária aciona outro figura ficcional.

A montagem é marcada por diversos momentos de soluções cênicas simples, mas encantadoras. É muito interessante a tradução do estado emocional de Taiti posto em cena, metaforicamente, pelas batidas dos tambores que intercala sua fala aflita. No trabalho, ter espaço para falar sem receios sobre a dor, encarando as dificuldades como elas de fato são, é, sem dúvida, um de seus maiores méritos. Pelo filtro da ludicidade, as crianças acessam a dicotomia entre limitação e fé, morte dos sonhos e esperança.

Não foi difícil perceber a intensa interação da plateia com o espetáculo. Crianças chamavam por Taiti, riam em uníssono, comentavam as interações das personagens. Já os adultos, se entreolhavam com expressões de encantamento e surpresa perante a delicadeza da obra. Em dado momento, houve até aplauso em cena aberta após o protagonista abraçar a mãe, acariciando, na verdade, a alma de todos que ali estavam.

“O menino e a cerejeira” é um afago, respiro em meio as intempéries da vida. Sem dúvida, merece ser visto por todos aqueles que desejam lembrar que são pássaros.

<http://seminariocriticateatral.blogspot.com.br/2016/12/o-menino-e-cerejeira.html?m=1>

O MENINO E A CEREJEIRA - **Quando o melhor adubo é o tempo e a resiliência,**
Vinícius Vieira, Professor e jornalista – Recife/PE

Críticas



CLIPPING

O MENINO e a CEREJEIRA
Da obra de **Daisaku Ikeda**

...POR QUE ESTE TÍTULO? ...MINHA PRIMEIRA CRÍTICA ...UM POEMA ...OS 10 PECADOS ...QUEM SOU EU? ...FALE CONOSCO

PEÇAS EM CARTAZ PAPO DA VEZ O QUE ANDEI VENDO PENSAMENTOS

PECINHA É A VOVOZINHA
dib carneiro neto

HOME
PEÇAS EM CARTAZ - SP
DESTAQUES - BRASIL
REPORTAGENS
PAPO DA VEZ
O QUE ANDEI VENDO
GUARDOU PROGRAMA?
TEXTOS INCRÍVEIS
OUÇA ESTA CANÇÃO
VÍDEOS
BIBLIOTECA
INSCRIÇÕES ABERTAS
ACONTECEU NA PEÇA...
PRÊMIOS
PAPO DE ASSessorIA
IN MEMORIAM
RETROSPECTIVAS
PENSAMENTOS

O QUE ANDEI VENDO

clique aqui para ler outras críticas recentes

Sabedoria oriental inspira lindo espetáculo para crianças

'O Menino e a Cerejeira' fala de esperança e perseverança, apoiando-se em ritmo e estética milenares do Japão

<http://www.pecinhaeavovozinha.com.br/o-menino-e-a-cerejeira-critica>

[dib/](#)

Sabedoria oriental inspira lindo espetáculo para crianças
'O Menino e a Cerejeira' fala de esperança e perseverança, apoiando-se em ritmo e estética milenares do Japão
Dib Carneiro Neto

Dib Carneiro Neto

Stella Tobar tem construído uma carreira promissora no teatro para crianças. Recentemente, vi de sua direção uma boa adaptação de Daisaku Ikeda *Cada Qual Sentado em Seu Barril*, a partir do livro conhecido de Ruth Rocha. Fez carreira curta, deveria voltar. Agora, ela vem com outra adaptação de livro, *'O Menino e a Cerejeira'*, em um espetáculo digno de todo o nosso respeito e admiração. Sua primeira temporada, com ingressos gratuitos, no Teatro João Caetano, na Vila Mariana, teve lotação esgotada em todas as oito sessões, perfazendo um total de 3.500 espectadores - e muita gente lá embora sem conseguir entrar, segundo me informaram.

O livro em que se baseia, de mesmo nome, é de autoria do pacifista japonês Daisaku Ikeda, de 88 anos. Ele perdeu familiares e amigos em guerras mundiais e virou um importante porta-voz do combate ao uso de armas nucleares. Sua obra fala de valores fundamentais para o estabelecimento da paz universal. São livros traduzidos no mundo todo e admirados por seu teor humanista.

Aqui, em *'O Menino e a Cerejeira'*, ele fala de amizade, de esperança, de comprometimento, de perseverança. Um velho (Paulo de Pontes) ensina um menino (Cleber Tolino) a cuidar de uma velha cerejeira, castigada pelo frio e pelos horrores da guerra. Juntos, eles têm certeza de que ela vai florir de novo na primavera. É um bonito exercício de paciência e dedicação, enquanto se estreitam os laços entre velho e menino.

A diretora parece ter optado pelo ritmo lento e compassado das narrativas orientais. De tal forma que esse enredo acima, sobre a cerejeira castigada, demora a surgir no palco, custando a emplacar. Há todo um tempo introdutório inicial e até ritualístico (pela ajuda percussiva de tambores japoneses), que, pelo que ouvi de opiniões à saída do espetáculo, em cartaz em São Paulo, no Teatro Viradalária, agrada a uns, justamente pela lição de calma e pelo exercício de desprendimento, mas desagrada a outros pelo ritmo exageradamente ralentado. Eu fico na segunda turma. Entendo que o tema é justamente a paciência e a passagem do tempo, mas acho que a peça demora demais a "acontecer", justamente por essa introdução extensa.



No elenco, Paulo de Pontes (foto) se destaca pela emoção na medida certa. No papel do velho sábio, detentor e porta-voz da lição que a peça quer passar, ele poderia cair no piegas, mas não deixa o exagero emotivo dominar sua atuação. Demonstra essa sabedoria de ator veterano e talentoso, que, além de tudo, usa uma potente voz de narrador seminal como instrumento favorável à composição de seu personagem. Sai de sua boca uma das frases mais encantadoras do belo e calmo espetáculo: "Chega um tempo em que os meninos precisam aprender a usar suas anias."

SERVIÇO

Local: Teatro Viradalária. **Endereço:** Rua Apinajés, 1387 - Sumaré, São Paulo.
Telefone: (11) 3868-2535. **Quando:** Sábados e domingos, 15h. **Ingressos:** R\$ 20,00.
Temporada: Até 28 de agosto de 2016

CRITICA

O MENINO E A CEREJEIRA. Borbolina Cia. (São Paulo – SP).

Um caso exemplar de espetáculo que cultua os silêncios, a calma, o ritmo delicado e sem pressa, para contar uma fábula sobre amizade, esperança e coragem. Trata-se de uma direção acertada, a cargo de Stella Tobar, com incrível acabamento de cenografia, figurinos, visagismo e uma trilha sonora riquíssima apoiada na música hajime e no tambor japonês. O espetáculo tem viajado pelo País com bastante sucesso – merecidamente. Em Rio Preto, comemoraram a 70ª apresentação e a aprovação da plateia não foi diferente. O público pôde experimentar um jeito de fazer teatro para crianças sem histerismos, sem frenesi, sem ansiedades tecnológicas – e isso foi bastante rico no quadro diversificado da programação. O elenco é incrível. Cleber Tolini e Giuliano Caratori fazem dois meninos encantadores, críveis, sem a necessidade de mudar a voz para ao tom tatibitate. Puro talento. João Bourbonnais assumiu a difícil tarefa de substituir o ótimo Paulo de Pontes, no papel do velho sábio – e está firme, seguro, desafiando em cena um talento que é seu, com personalidade. O trabalho de voz e de corpo de Bourbonnais é muito bom, e não deixa nada a desejar com relação ao ator anterior. É lindo ver como ele não descuida nem por um segundo da expressão corporal de um velho que se arrasta, que não tem pressa, que projeta a voz com eficiência e que tem a responsabilidade de falar as frases mais sábias da peça. Bourbonnais cumpre sua tarefa com louvor, honrando o personagem e seu antecessor. Alle Paixão, como a mãe, também é ótima, firme na missão de não cair na pieguice barata. Viúva melancólica e saudosa, a personagem inspira o filho a dizer uma frase que considero entre as melhores do texto, por sua simplicidade tocante. O menino diz: “Eu não quero ser triste quando eu crescer.”

Dib Carneiro Neto

Para o Festival Em janeiro Teatro para criança é o maior barato. São José do Rio Preto



Crítica

<http://revistacrescer.globo.com/Colunistas/Dib-Carneiro-Neto/noticia/2017/08/livro-de-ruth-rocha-sobre-guerras-ganha-nova-leitura-no-teatro.html>

Livro de Ruth Rocha sobre guerras ganha nova leitura no teatro

Montagem dirigida por Stella Tobar realça a polaridade dos personagens antagonistas e atinge em cheio o atual quadro de polarização da história política do Brasil

Dib Carneiro Neto



Livro de Ruth Rocha sobre guerras ganha nova leitura no teatro

<http://revistacrescer.globo.com/Colunistas/Dib-Carneiro-Neto/noticia/2017/08/livro-de-ruth-rocha-sobre-guerras-ganha-nova-leitura-no-teatro.html>

Montagem dirigida por Stella Tobar realça a polaridade dos personagens antagonistas e atinge em cheio o atual quadro de polarização da história política do Brasil

Dib Carneiro Neto

A veterana escritora de livros infantis Ruth Rocha, em *Dois idiotas sentados cada qual no seu barril*, criou uma história que fala de intolerância, de guerra, de disputa pelo poder. Volta e meia este livro vira peça de teatro, tamanha é a importância dessa temática para todas as gerações. A diretora Stella Tobar nos oferece aqui uma versão divertida e impactante, que potencializa nas cenas – muitas delas bastante coreografadas – a polaridade existente entre os dois personagens, o Mandão e o Teimosinho, cada qual ameaçando explodir o seu barril de pólvora, sem que seja possível um entendimento, um acordo, uma conciliação, uma compreensão.

Curiosamente, no Brasil de hoje, ou seja, o Brasil de 2016, em que a política e as investigações de corrupção polarizam e praticamente dividem o País em torno de duas vertentes principais, a montagem ganhou uma curiosa leitura extra, uma atualidade que faz dela mais ainda uma montagem necessária e importante. A diretora optou por vestir os dois personagens com o mesmo figurino, mas com cores diferentes, para marcar o quanto são parecidos, embora pertençam a vertentes diversas. Nada mais atual, nesse Brasilão que se divide entre camisetas vermelhas e amarelas. Escolas, portanto, poderiam aproveitar muito bem esta montagem para falar com seus alunos tanto das guerras históricas quanto da história recente do Brasil.

A linguagem de circo e de clown cai como uma luva neste texto de Ruth Rocha e, aqui, a proposta de palhaçaria se deu muito bem graças aos intérpretes Paulo de Pontes e Giuliano Caratori. Ambos estão muito bem repetindo as clássicas cenas e gags de duplas consagradas do circo e da TV, como o Gordo e o Magro. A escolha da dupla foi bem acertada. O jogo entre eles é perfeito, sempre um auxiliando o outro, levantando a bola para o outro, fazendo “escada” para o outro, como se diz na linguagem de teatro. A competente trilha sonora também ajuda muito.

O cuidado com os detalhes, aliás, é um ponto bem positivo da montagem. Logo no início, por exemplo, antes ainda de entrar qualquer texto, o público já vê que cada um dos dois antagonistas tem no bolso uma flor, que um tenta entregar para o outro mas não consegue. Ou seja, é uma bela simbologia de o quanto ambos lutam um contra o outro sem saber direito o motivo, tentando se entender, amolecer, mas em vão, por causa da teimosia, da intolerância, do poder. É o que alimenta as guerras. A direção usa esse recurso em muitos outros momentos, fazendo os dois personagens quase se entregarem um ao outro com carinho e amizade, mas sempre tudo fica por um triz, porque sempre lhes volta à mente a repulsa, o ódio latente, o autoritarismo, o egoísmo. E assim caminha a humanidade. Só nos resta aplaudir e abençoar o teatro que ainda é feito para nos fazer pensar e recuperar causas humanistas. Como este *Dois Idiotas* de Stella Tobar e seu grupo. Parabéns.

Crítica

<https://observatoriodoteatro.uol.com.br/criticas/em-semente-stella-tobar-potencializa-frustracoes-e-medos-mas-germina-esperanca-poetica>



The screenshot shows the header of a website article. At the top left is a hamburger menu icon. To its right is the logo of 'OBSERVATÓRIO DO TEATRO', which consists of two overlapping golden teacups. Below the logo, the text 'OBSERVATÓRIO DO TEATRO' is written in a sans-serif font. The main title of the article is 'Em Semente, Stella Tobar potencializa frustrações e medos, mas germina esperança poética', displayed in a large, bold, red font. Below the title is a circular profile icon of a person, followed by the text 'PUBLICADO HÁ UM ANO POR BRUNO CAVALCANTI'. Underneath this is the text 'Gostou? Compartilhe!' and a row of four social media sharing icons: an envelope icon, the Facebook 'f' logo, the Twitter bird logo, and the WhatsApp logo. At the bottom of the screenshot is a photograph of a woman with dark, curly hair, wearing a light-colored top, smiling and looking towards the camera. The background of the photo appears to be a kitchen or a similar indoor setting.

Semente | Foto: João Maria

Em Semente, Stella Tobar potencializa frustrações e medos, mas germina esperança poética

por Bruno Cavalcanti em www.observatoriodoteatro.uol.br

Não tivesse a pandemia do Coronavírus causado o congelamento do mercado cultural ao redor do mundo com o fechamento de teatros e espaços culturais, talvez **Semente**, solo que Stella Tobar apresenta online em curta temporada iniciada na última quarta-feira, 11, fosse obra de tom mais protocolar do que sua boa premissa faz supor.

Mas o espetáculo, nascido da frustração de uma resposta negativa para adquirir os direitos de adaptação para os palcos do romance autobiográfico **A Ciranda das Mulheres Sábias** (2006), da escritora e psicóloga norte americana Dra. Clarissa Pínkola Estés, cresce justamente por unir esse sentimento de frustração à claustrofobia de uma mãe artista isolada e preocupada com o caos exterior.

É neste misto de emoções e processos interrompidos que **Semente** cresce e diseca a persona da atriz e dramaturga que, em cena, expõe as dores das crônicas da vida real, filtradas por olhar de tom tão poético quanto descrente.

A obra abrange uma série de temáticas que buscam dar conta deste misto de assuntos e emoções, desde a negação dos desejos sexuais – na história narrativa que fecha o espetáculo com contornos trágicos – até a necessidade de transformar esta personagem auto inspirada em uma figura funcional, sublinhando as pequenas mortes impostas pelo cotidiano.

Embora tenha a frustração como premissa básica, o texto assinado por Tobar passa longe de uma obra contemplativa ou autocomiserativa. **Semente** é, guardadas as devidas proporções, solo que imprime teor celebrativo ao jogar luz sobre a sobrevivência e a poesia em meio ao caos. Impressão fortalecida pela (ótima) trilha composta pelo músico carioca Sérvulo Augusto.

A trilha de Augusto é obra fundamental que se funde com (impressionante) naturalidade à dramaturgia de Tobar e às direções de luz e imagem, assinadas, respectivamente, por Giuliano Caratori e André Grynwask.

Mérito da direção de Eucir de Souza, que, constrói ambientação cênica que sublinha a poesia das expressões e, a despeito de ameaçar perder o timing na segunda metade do espetáculo, resulta vitoriosa por confiar no texto e na beleza plástica proposta, também, pela direção de arte de Clau Carmo (que também assina a boa concepção de figurino).

Contudo, o ponto que, de fato, eleva a obra é a interpretação precisa de Tobar, que, embora percorra, a princípio, caminhos mais seguros e reverentes a sua própria escrita, cresce à medida que o espetáculo avança e consegue desconstruir impressão meramente contemplativa que pode, na maioria dos casos, matar uma obra pensada para o universo online.

Não é o caso. Embora mergulhe de cabeça na pulsão de um registro da frustração, **Semente** conquista boa dinâmica que celebra o poder da criação a partir da tragédia, sem jamais abandonar o registro poético (e iconoclasta), que sublinha o desejo de fazer brotar a esperança do impossível chão.